

Os pioneiros de Brasília

25 NOV 1993

Fernando Fonseca

Em 1955, sob grande incredulidade e cepticismo generalizado, Juscelino Kubitschek anunciou que mudaria a capital do País para o interior. A fim de mostrar que não estava delirando, tornou essa idéia a meta-síntese de seu futuro governo.

Escolhido o local para implantação da cidade, foi desapropriada a área em volta, com o objetivo de garantir que nada seria construído próximo à cidade-modelo. O passo seguinte foi a realização do concurso para definição do projeto urbanístico. Ganhou um certo Lúcio Costa, que representava, na época, o que havia de mais moderno e ousado em termos urbanísticos. Teorias complicadas foram colocadas no papel e houve certa minimização das possibilidades de intervenção das pessoas que viriam viabilizar o projeto. Grave erro para as pretensões modernistas.

A execução do plano previa duas etapas importantes. A primeira fase seria a construção do Plano Piloto e a segunda, a ocupação e transferência da capital para Brasília. Verificasse, portanto, que as pessoas que viriam construir a cidade não seriam as mesmas que iriam ocupá-la.

Para viabilizar a transição entre a construção e a ocupação da capital, criaram-se a "Cidade Livre" e os acampamentos das empreiteiras, para abrigar temporariamente os pioneiros construtores. No caso da "Cidade Livre", o incipiente comércio estabelecido seria transferido para o Plano Piloto assim que concluída a obra. Os acampamentos e a "Cidade Livre" nasceram, portanto, com data para morrer.

Essa estratégia de execução do projeto definiu dois grandes tipos de pioneiros: os pioneiros construtores e os primeiros moradores. Acho importante explorar um pouco mais o que se esperava desses dois grandes grupos de pioneiros.

CORREIO BRAZILIENSE

Um hipotético processo de seleção dos dois grupos colocaria como condição necessária e fundamental a autonegação ou a negação de suas histórias. Explico. Para o primeiro grupo, os pioneiros construtores, como estava determinado que eles não seriam os futuros moradores, a condição é que deveriam congelar seu passado, aplicar todas as forças no trabalho e não fazer história ou vínculos de caráter permanente enquanto aqui estivessem. Para o segundo grupo, os pioneiros moradores, o projeto urbanístico moderno induziria todas as formas de relacionamento e hábitos. Seria igualmente importante que eles esquecessem seu passado, seus jeitos, enfim, também negassem suas histórias.

Com tamanhas exigências, houve reações. Quando foi chegado a hora de ir embora, os pioneiros construtores usaram de todos os artifícios de convencimento para ficarem. O primeiro deles foi um golpe sentimental. Criaram a Vila Sara Kubitschek, próxima à "Cidade Livre", e acabaram viabilizando a criação de Taguatinga. Fizeram em seguida a Vila Amaury, próxima ao acampamento das empreiteiras, e forçaram a criação de Sobradinho mediante um eficiente lobby no Congresso. O tal Amaury era ligado ao PTB de Jango, então vice-presidente. A associação de interesses do incipiente empresariado do comércio com os trabalhadores da construção (Marx, com a questão da luta de classes, ficaria ruborizado!) transformou a "Cidade Livre" no Núcleo Bandeirante. Assim, materializou-se a intervenção dos pioneiros construtores: a criação das cidades-satélites.

O segundo grupo de pioneiros (moradores) chegou disposto a garantir seus empregos. Não demorou muito para se estabelecer um certo "banzo" urbano, uma certa tristeza. Não havia esquinas, vitrinas e calçadas. O pessoal sentia falta de vida nas ruas. A reação não demorou. Nas

entrequadras comerciais, o plano urbano previa que as lojas comerciais deveriam ter suas vitrinas e portas voltadas para o lado das quadras residenciais. Na rua, deveria existir apenas os carros e atividades de serviços. Nada de calçadas. Ninguém combinou e tampouco foi necessário uma associação para determinar a mudança. O fato é que as vitrinas foram colocadas voltadas para o lado da rua.

Outras reações se foram estabelecendo no Plano Piloto e o somatório delas, junto com o que já havia sido provocado pelos pioneiros construtores, acrescido da chegada dos pioneiros do terceiro tempo, determinou a visita de Lúcio Costa, para repensar algumas coisas. O arquiteto colocou suas impressões no documento "Brasília Revisitada" e, assim, passaram a existir, nos tempos de agora, o Setor Sudoeste, Águas Claras e outras localidades.

Quero, aqui, cometer um escorregão emocional. Brasília não ficou como inicialmente planejado. Também não espelhou completamente a história dos que aqui vieram para construir e morar. Resultou uma alternativa que apaixona e que transformou os primeiros momentos de desconforto em satisfação. Nós somos os urbanistas de uma bela cidade, que ficou com esse adjetivo porque permitiu a expressão também de nossas histórias.

PS: Estou muito contente. Soube que o presidente do Clube dos Pioneiros, José Carlos Gentili, anunciou que conquistamos um espaço para implantar nossa sede. Como sua vocação é a preservação da cultura e tradição da memória candanga, sinto-me, assim como os pioneiros de todos tempos, com endereço para contar a minha história que, afinal, acaba fazendo a História de Brasília.

■ **Fernando Fonseca é membro do Clube dos Pioneiros de Brasília**